

277

**ACESSO AO MUNDO SIMBÓLICO: E AS CRIANÇAS QUE NÃO SABEM O QUE É UMA HISTÓRIA?** *Miriam B.Rauber, Lia B.L.Freitas* (Departamento de Psicologia Social e Institucional / Instituto de Psicologia/UFRGS) e *Zelia Ramozzi-Chiarotino* (Laboratório de Epistemologia Genética/USP).

O acesso ao mundo simbólico dá-se essencialmente por intermédio do discurso: os adultos transmitem à criança relatos, crenças, valores, saberes, relações sociais... mas, antes de tudo, a própria palavra, ou seja, é através das trocas com o meio que se constitui a própria aptidão humana de falar, de forma que a pessoa a quem se fala possa, por sua vez, identificar-se no tempo (agora), no espaço (aqui), como si (eu) e, a partir dessas referências, convocar em seu discurso o resto do mundo. Caso essas referências não estejam bem estabelecidas, a imagem externa torna-se uma espécie de conexão mais ou menos ligada às imagens internas que assombram o aparelho psíquico (Ramozzi-Chiarotino, 1984; Durfour, 2001). O objetivo deste trabalho é contribuir para a explicação do comportamento de crianças cujas noções de espaço, de tempo e de causalidade não foram adequadamente estabelecidas e propor formas de intervenção para que essas noções sejam construídas e, assim, possibilitar-lhes o acesso ao mundo das trocas simbólicas. Em um estudo anterior (Ramozzi-Chiarotino, Freitas e Rauber, 2002) apresentamos as mudanças observadas no comportamento e no discurso de um menino, em função do surgimento dos primórdios das noções espaço-temporais e causais, as quais avaliamos, sistematicamente, através de uma técnica por nós criada - narrativa de histórias a partir de figuras - e segundo os critérios estabelecidos pelo Laboratório de Epistemologia Genética - USP. Neste trabalho, discutimos por que essa atividade - narrativa de histórias a partir de figuras - abriu uma via de acesso ao mundo simbólico. Os resultados obtidos até o momento corroboram a hipótese de Ramozzi-Chiarotino (1994) de que a insuficiente construção do real “determina a não-organização da experiência vivida, a qual impede a organização de um comportamento coerente e, portanto, da integração psicossocial, da socialização e, sobretudo, da organização da vida afetiva.” (PIBIC-CNPq/UFRGS)